



A Santa Sé

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NO CONGRESSO SOBRE O TEMA:
«PASTORAL VOCACIONAL E VIDA CONSAGRADA.
HORIZONTES E ESPERANÇAS»
[ROMA, ATENEU PONTIFÍCIO REGINA APOSTOLORUM,
1º - 3 DE DEZEMBRO DE 2017]

Queridos irmãos e irmãs!

Saúdo os participantes neste Congresso Internacional promovido pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica sobre «Pastoral Vocacional e Vida Consagrada. Horizontes e esperanças». Agradeço à mencionada Congregação a iniciativa deste evento que pretende ser a contribuição do mesmo Dicastério para o próximo Sínodo dos Bispos que se ocupará do tema: «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional». E ao mesmo tempo, através desta mensagem saúdo todos vós que viestes a Roma para participar neste encontro, garantindo-vos também a minha oração ao *Senhor da messe* para que este Congresso ajude todos os consagrados a dar uma resposta generosa à sua vocação e, ao mesmo tempo, a intensificar a pastoral vocacional entre as famílias e os jovens a fim de que, quantos são chamados a seguir Cristo na vida consagrada ou noutras vocações no âmbito do Povo de Deus, possam encontrar os meios adequados para acolher esta chamada e lhe respondam com generosidade.

Antes de mais desejo manifestar-vos *algumas convicções sobre a pastoral vocacional*. E a primeira é a seguinte: falar de pastoral vocacional significa afirmar que toda a ação pastoral da Igreja está orientada, por sua natureza, para o discernimento vocacional, tendo ela como objetivo último ajudar o crente a descobrir o caminho concreto para realizar o projeto de vida ao qual Deus o chama.

O serviço vocacional deve ser visto como a alma de qualquer evangelização e pastoral da Igreja. Fiel a este princípio não hesito em afirmar que a pastoral vocacional não se pode reduzir a atividades fechadas em si mesmas. Isto poderia converter-se em proselitismo e levar também a

cair «na tentação de um fácil e precipitado recrutamento» (João Paulo II, Exort. ap. *Vita consecrata*, 64). Em contrapartida, a pastoral vocacional deve colocar-se em estreita relação com a evangelização e a educação para a fé, de forma que a pastoral vocacional seja um verdadeiro itinerário de fé e leve ao encontro pessoal com Cristo, e com a pastoral ordinária, de modo especial com a pastoral da família, de tal forma que os pais assumam, com alegria e responsabilidade, a sua missão de serem os primeiros animadores vocacionais dos seus filhos, libertando-se eles mesmos e libertando os seus filhos do fechamento em perspectivas egoístas, de cálculo ou de poder, que muitas vezes se verificam no seio das famílias, mesmo das praticantes.

Isto significa consolidar a proposta vocacional e também a proposta vocacional à vida consagrada numa sólida eclesiologia e numa adequada teologia da vida consagrada, que proponha e valorize convenientemente todas as vocações no âmbito do Povo de Deus.

Uma segunda convicção é que a pastoral vocacional deve ter o seu «húmus» mais adequado na pastoral juvenil. Pastoral juvenil e pastoral vocacional devem caminhar de mãos dadas. A pastoral vocacional apoia-se, surge e desenvolve-se na pastoral juvenil. Por sua vez, a pastoral juvenil, para ser dinâmica, completa, eficaz e verdadeiramente formativa tem que estar aberta à dimensão vocacional. Isto significa que a dimensão vocacional da pastoral juvenil não é algo que se deve propor somente no final de todo o processo ou a um grupo particularmente sensível a uma chamada vocacional específica, mas deve ser proposta constantemente ao longo de todo o processo de evangelização e de educação na fé dos adolescentes e dos jovens.

Uma terceira convicção é que a oração deve ocupar um lugar muito importante na pastoral vocacional. O Senhor diz isto claramente: «Rogai, pois, ao Senhor da seara, que mande ceifeiros para a sua seara» (Mt 9, 38). A oração constitui o primeiro e insubstituível serviço que podemos oferecer à causa das vocações. Considerando que a vocação é sempre um dom de Deus, a chamada vocacional e a resposta à mesma vocação só podem ressoar e fazer-se ouvir na oração, sem que isto seja entendido como um recurso fácil para descuidar o trabalho na evangelização dos jovens, a fim de que se abram à chamada do Senhor. Rezar pelas vocações supõe, em primeiro lugar, orar e trabalhar pela fidelidade à própria vocação; criar ambientes nos quais seja possível ouvir a chamada do Senhor; pormo-nos a caminho para anunciar o «evangelho da vocação», para promover e suscitar vocações. Quem reza de veras pelas vocações, trabalha incansavelmente para criar uma cultura vocacional.

Estes princípios levam-me agora a apresentar-vos alguns *desafios* que considero importantes. O primeiro é a confiança. Confiança nos jovens e confiança no Senhor. Confiança nos jovens, pois há muitos jovens que, pertencendo à geração «*selfie*» ou a esta cultura que mais do que «fluida» parece ser «gasosa», buscam um sentido pleno para as suas vidas, mesmo se nem sempre o procuram onde o podem encontrar. É aqui que nós, consagrados, desempenhamos um papel importante: permanecer vigilantes a fim de despertar os jovens, estar centrados no Senhor para poder ajudar o jovem a concentrar-se n'Ele. Muitas vezes os jovens esperam de nós um anúncio

explícito do «evangelho da vocação», uma proposta vigorosa, exigente sob o ponto de vista evangélico e ao mesmo tempo profundamente humana, sem limites nem rigidez. Por outro lado, confiança no Senhor, certos de que ele continua a suscitar no Povo de Deus diversas vocações para o serviço do Reino. É preciso vencer a tentação fácil que nos leva a pensar que nalguns ambientes já não é possível suscitar vocações. A Deus «nada é impossível» (Lc 1, 37). Cada fase da história é tempo de Deus, também a nossa, pois o seu Espírito sopra onde, como e quando quer (cf. Jo 3, 8). Qualquer época pode ser um «kairos» para a colheita (cf. Jo 4, 35-38).

Outro desafio importante é a lucidez. É necessário ter um olhar perspicaz e, ao mesmo tempo, uma visão de fé sobre o mundo e em particular sobre o mundo dos jovens. É essencial conhecer bem a nossa sociedade e a atual geração de jovens de modo que, procurando os meios oportunos para lhes anunciar a Boa Nova, possamos anunciar-lhes também o «evangelho da vocação». Caso contrário, estaríamos a dar respostas a perguntas que ninguém faz.

Um último desafio que gostaria de assinalar é a convicção. Para propor hoje a um jovem o «vem e segue-me» (Jo 1, 39) é necessário *audácia evangélica*; a convicção de que vale a pena seguir Cristo, também na vida consagrada, e que o dom total de si à causa do Evangelho é algo maravilhoso e belo que pode dar sentido à vida inteira. Só assim a pastoral vocacional será narração do que se vive e com que se enche de sentido a própria vida. E só deste modo a pastoral vocacional será uma proposta convincente. O jovem, como todos os nossos contemporâneos, já não crê tanto nos mestres, mas quer ver testemunhas de Cristo (cf. Paulo vi, Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 41).

Se quisermos que uma proposta vocacional ao seguimento de Cristo toque o coração dos jovens para que se sintam atraídos por Cristo e pela *sequela Christi* própria da vida consagrada, a pastoral vocacional deve ser:

Diferenciada, de tal modo que responda às perguntas que cada jovem apresenta, e que ofereça a cada um deles o necessário para satisfazer em abundância o seu desejo de busca (cf. Jo 10, 10). Não se pode esquecer que o Senhor chama cada qual pelo nome, com a sua história e a todos oferece e pede um caminho pessoal e intransferível na sua resposta vocacional.

Narrativa. O jovem deseja ver «narrado» na vida concreta de um consagrado o modelo a seguir: Jesus Cristo. A pastoral de «contágio», do «vinde ver» é a única pastoral vocacional verdadeiramente evangélica, sem sabor de proselitismo. «Os jovens sentem a necessidade de figuras de referência próximas, credíveis, coerentes e honestas, assim como de lugares e ocasiões nos quais pôr à prova a capacidade de relação com os outros» (Sínodo dos Bispos, XV Assembleia geral ordinária, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento preparatório*, 2017, 2). Só uma proposta de fé vocacional encarnada, pode entrar na vida de um jovem e não o contrário.

Eclesial. Uma proposta de fé ou vocacional aos jovens tem que ser feita no contexto eclesial do Vaticano II. Ele é «a bússola para a Igreja do século XX» (João Paulo II, Carta ap. *Novo millennio ineunte*, 43) e para a vida consagrada dos nossos dias. Este contexto eclesial pede aos jovens um compromisso e uma participação na vida da Igreja, como atores e não como simples espetadores. Devem sentir-se também partícipes da vida consagrada: atividades, espiritualidade, carisma, vida fraterna, forma de viver o seguimento de Cristo.

Evangélica e como tal comprometida e responsável. A proposta de fé, assim como a proposta vocacional à vida consagrada, têm que partir do centro de toda a pastoral: Jesus Cristo, tal como nos é apresentado no Evangelho. Não serve evadir, nem são válidas as fugas intimistas ou compromissos meramente sociais. A «pastoral show» ou a «pastoral passatempo» estão longe da pastoral vocacional. É preciso colocar o jovem diante das exigências do Evangelho. «O Evangelho é exigente e requer ser vivido com radicalidade e sinceridade» (*Carta a todos os consagrados*, 21 de novembro de 2014, 2). É necessário colocar o jovem numa situação na qual aceite responsabilmente as consequências da própria fé e do seguimento de Cristo. Neste tipo de pastoral não se trata de recrutar agentes sociais, mas verdadeiros discípulos de Jesus com o mandamento novo do Senhor como palavra de ordem e com o código das bem-aventuranças como estilo de vida.

Acompanhada. Na pastoral juvenil uma coisa é clara: é necessário acompanhar os jovens, caminhar com eles, ouvi-los, provocá-los, despertá-los para que vão mais além do conforto no qual se acomodam, despertar o seu desejo, explicar-lhes o que estão a viver, conduzi-los para Jesus, favorecendo sempre a liberdade, a fim de que respondam à chamada do Senhor livre e responsabilmente (cf. Sínodo dos Bispos, XV Assembleia geral ordinária, *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento preparatório*, 2017, III, 1). É necessário criar um ambiente de confiança, fazer sentir aos jovens que são amados tal como são e pelo que são. O trecho dos discípulos de Emaús pode constituir um bom exemplo de acompanhamento (cf. *Lc* 24, 13-35). A relação pessoal dos consagrados com os jovens é insubstituível.

Perseverante. Com os jovens é preciso ser perseverantes, semear e esperar pacientemente que a semente cresça e um dia possa dar o seu fruto. A missão do agente de pastoral juvenil deve ser muito consciente de que o seu trabalho consiste em semear, alguns farão crescer e outros colherão os frutos.

Juvenil. Não podemos tratar os jovens como se não fossem tais. A nossa pastoral juvenil deve estar marcada pelas seguintes características: dinâmica, participativa, alegre, esperançosa, audaz e confiante. E sempre cheia de Deus, que é o que o jovem mais necessita para colmar o seu justo anseio de plenitude; cheia de Jesus que é o único caminho que eles devem percorrer, a única verdade à qual eles são chamados a aderir, a única vida pela qual vale a pena dar tudo (cf. *Jo* 1, 35ss).

Queridos participantes neste Congresso: duas coisas me parecem certas no tema da pastoral vocacional e vida consagrada. A primeira é que não há respostas mágicas e a segunda consiste no facto de que se está a pedir à vida consagrada, como aliás a toda a Igreja, uma verdadeira «conversão pastoral», não só de linguagem, mas também de estilo de vida, se pretende conectar-se com os jovens, propor-lhes um caminho de fé e fazer-lhes uma proposta vocacional.

Que ninguém vos roube a alegria de seguir Jesus Cristo e a coragem de o propor aos outros como *caminho, verdade e vida* (cf. Jo 14, 6)! Vençamos os nossos receios! Chegou o momento em que *os jovens sonhem e os idosos profetizem* (Jl 3, 1)! Levantemo-nos agora! «Mãos à obra» (Esd 10, 4). Os jovens esperam-nos. Chegou o momento de caminhar!